

Em Busca da Década Perdida

As revistas que fizeram história nos anos 80 e que até hoje se fazem presente

A trajetória dos quadrinhos no Brasil sempre foi marcada por ciclos. Períodos nos quais grandes artistas surgem, revistas proliferam-se e, quando tudo parece indicar a fixação das HQs no mercado, ocorre uma crise econômica mais aguda, derrubando tudo.

Na segunda metade da década de 80, os quadrinhos de caráter 'autoral' começam a ganhar espaço no país, principalmente através de revistas como *Chiclete com Banana*, *Circo* e *Animal*. Com influências diretas do *Pasquim* e do *Underground* americano, o humor nessas histórias foi a característica mais constante.

Por quadrinho autoral, vamos convencionar aquele em que o autor faz a história praticamente sozinho – escreve, desenha, arte-finaliza – e produz um material de cunho muito personalista.

Na revista *Circo*, comandada por Toninho Mendes, Luiz Gê e Laerte, entre outros, também havia espaço para histórias estrangeiras, principalmente europeias. Neste ponto vale destacar a participação do Luiz Gê, responsável pelo intercâmbio com quadrinhos de fora. Muitos consideram a *Circo* um verdadeiro ícone das HQs. E realmente, suas histórias sempre foram de um nível acima da média. A *Animal* possuía uma linha mais próxima da famosa *Heavy Metal*, publicando algumas histórias europeias coloridas em papel couchê. A qualidade do material também era excelente, basta conferir.

Mas nenhuma delas conseguiu se aproximar do sucesso que fez *Chiclete com Banana*, única revista desse gênero a ultrapassar a mítica barreira dos 30 mil exemplares, chegando a vender mais de 100 mil. Não é por acaso que hoje é tão fácil encontrar seus velhos exemplares em qualquer sebo. E para quem nunca leu, vale conferir, pois nela há um retrato muito divertido dos anos 80; seja em relação aos tipos sociais, movimentos culturais ou políticos. Quase todas as histórias foram feitas por Angeli, atualmente mais voltado para charges políticas e outros projetos, e seu estilo realmente inspirou muitos outros. Seus conhecidos personagens (Rê Bordosa, Bob Guspe, Bidelô...), geralmente tipos sociais estilizados com personagens secundários orbitando em volta e criando situações, são muitas vezes copiados pelos novos artistas. Mas isso não é tão ruim quanto pode parecer à primeira vista, pois o quadrinho brasileiro realmente sente falta de uma escola, uma herança que pode ser continuada e cultivada, para que o gênero se desenvolva.

Fazendo uma ponte para os anos mais recentes, percebe-se que a década de 90 necessita de um movimento tão característico (embora ainda não popular) quanto o da década passada. Nos anos 80, Laerte, Angeli, Glauco e amigos escancaram de forma humorística (que é ótimo, porque foge dos batidos discursos panfletários) toda a podridão da política, do sistema econômico e modismos ridículos divulgados pela mídia. Imagine, então, o que uma nova turma dessas não faria com as hipocrisias dos anos 90, em plena era do infame "politicamente correto".

Miguel Castarde Neto, aluno do 5º semestre de Editoração.*

* Na ocasião da publicação original (NE).

